



EDITORIAL

O QUE HÁ NUM NOME?

A pergunta, de Shakespeare, prende-se com a arbitrariedade do signo: se déssemos outro nome à rosa, não teria ela o mesmo perfume? Mas num nome (próprio) há também identidade. Pertença. Designio. Só agora, passados 45 anos, conseguimos resgatar o nome inicial da nossa Escola, que em 1976 já era a “Unidade de Letras e Artes”. Entretanto, desenvolvemos a Música, criámos o Teatro e, através da Literatura, continuámos a ler o mundo de formas transformadoras. Num mês em que ainda estamos distanciados, a comemoração é simbólica e dá voz, neste espaço, aos estudantes da “nova” Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas.

A importância social e institucional do nome emergiu este mês, curiosamente, no palco mediático. Uma atriz tornada duquesa deu uma entrevista incendiária em que se lamentou de a coroa britânica sonegar o direito do seu filho a ser chamado de Príncipe. O que há num nome? Há, também, poder. [Ver “Opinião”] I.E.

INQUÉRITO

Perguntámos a um conjunto de oito estudantes da ELACH o que entendem por “Arte”, agora que a Escola a que pertencem ostenta a vertente artística na nova designação. Neste exercício conceptual e terminológico, demos a palavra a dois estudantes de Teatro, dois de Música, dois de Literatura e dois de Filosofia, numa tentativa de definir o posicionamento epistemológico e identitário que, enquanto unidade orgânica, partilhamos.



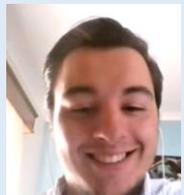
SARA SALGUEIRO (Teatro)

Encerrar a Arte numa definição seria como querer conter a água do oceano numa poça cavada na areia da praia. As criações artísticas acontecem num espaço de busca incessante, de exploração, de indagação, de encontro, de expansão do Humano. A Arte é uma linha de emergência. Fala diretamente e de modo diferenciado a cada um.



FRANCISCO MADUREIRA (Música)

A arte é a expressão estética do pensamento. É através dela que se avalia o bem-estar de uma sociedade, pois quanto mais estável e próspera for uma civilização, maior e melhor será a expressão artística. É necessário educar novas gerações para a importância da arte. Um mundo sem arte não é mais do que um formigueiro em grande escala.



JOÃO DIAS (Literatura)

Sendo a arte uma forma de expressão – literária, performativa ou plástica – é uma ferramenta da criatividade humana e também uma fonte de conhecimento. É o condutor da perceção da vida e dos juízos de valor sobre ela. Sem arte, o mundo seria insípido e vazio de beleza.



INÊS PROENÇA (Filosofia)

A arte é universal e acompanha a existência humana. Manifesta-se através da música, da literatura, da pintura e da escultura, do cinema e do teatro. Através dela, captamos os medos, as inquietações e as ambições do artista ou criador, assumindo uma função terapêutica. Um mundo sem arte seria um mundo sem vida, sem cor.



CAROLINA SANTOS (Música)

A Arte é muito superior ao Homem. Liberta, eleva o espírito, exprime, ensina. Ser artista é uma entrega total com muito sacrifício. É quase como carregar um fardo, porque é uma profissão muito digna, mas com pouco reconhecimento. Viver sem arte seria viver num mundo demasiado cinzento, quase robótico. A arte dá vida à vida.



ALEXANDRE ARREGUY (Teatro)

A arte é o que causa uma emoção. É a crítica e a exposição da sociedade, mas é também a subjetividade colocada em prática. Um mundo sem arte seria um mundo sem expressão, sem conexão entre as pessoas, sem empatia, sem evolução. Seria um mundo impossível, onde o ser humano seria mais uma espécie no reino animal.



DANIEL FERNANDES (Filosofia)

A arte é a linguagem da alma. Presta-se a ser sentida mais do que compreendida. Cria experiências e oferece momentos. Um mundo sem arte seria um mundo cinzento e sem vida, sem individualidade ou originalidade. É como se a arte fosse para o espírito o que o oxigénio é para as plantas.



JÉSSICA CLEMENTE (Literatura)

A arte é uma forma de comunicação. Pode servir propósitos de entretenimento, de conexão com os outros, ou de evasão, permitindo fugir da realidade para um mundo diferente criado pela imaginação. Através da arte, as pessoas aprendem a ver o mundo de perspetivas novas.

SEMINÁRIOS

SOBRE MARX E A INJUSTIÇA CAPITALISTA

Nicholas Vrousalis, Professor de Filosofia Prática na Erasmus University Rotterdam, trouxe no dia 12 ao CEPS (Centro de Ética, Política e Sociedade) a sua crítica de Roemer, recentemente publicada em *Philosophy and Public Affairs*. Na presença do próprio Roemer – que não deixou de comparecer, apesar da sua idade já avançada – foram discutidas as relações entre justiça distributiva e exploração capitalista, assim como as noções de solidariedade (Roemer) e “não servidão” (Vrousalis).



DESEJO SEXUAL NA DRAMATURGIA BRITÂNICA

Cátia Faisco, docente de Teatro e investigadora do grupo GIARTES do CEHUM (Centro de Estudos Humanísticos), deu no dia 24 um seminário com o título “Play or Walk Away: a representação do desejo sexual na dramaturgia contemporânea”. Na sessão, o desejo tematizou a análise de obras de autores como A. Reiss, A. Campbell, N. Payne e C. Churchill, apresentadas no Royal Court Theatre entre 2000 e 2015.



SOBRE A INTERPRETAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO

Marijn Brouckaert, bolsheiro de doutoramento em Ciências da Literatura, coordenou no dia 24 o seminário com o título “O papel dos textos literários e a dinâmica de grupo no processo de desenvolvimento de um ambiente interpretativo”. Os Seminários ao Lanche constituem, desde 2019, um espaço de partilha científica entre os investigadores não-doutorados do CEHUM.



JORNADAS

ESTUDOS ASIÁTICOS



Cerca de uma centena de alunos e docentes da Lic.ª em Estudos Orientais e do Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês partilharam *online*, nas Jornadas do Dep.to de Estudos Asiáticos, a 12 e 16 de março, experiências interdisciplinares e interculturais com as universidades japonesas de Sofia, Kanazawa e Aichi Prefeitural.

CURSO BREVE

O FANTÁSTICO NA LITERATURA



Nos dias 4, 11, 18 e 25 de março, teve lugar *online* o curso breve intitulado “O fantástico literário como forma de ressignificar a realidade e o sentido do realismo”. O orador convidado foi o Prof. Flávio Ricardo Vassoler, Investigador Visitante do CEHUM (Grupo NetCult), que discutiu quatro autores ao longo das quatro sessões: Edgar Allan Poe, Fiódor Dostoiévski, Franz Kafka e José Saramago. Foram analisadas as manifestações do fantástico nas obras *O Gato Preto*, *A Dócil*, *A Metamorfose* e *Ensaio sobre a Cegueira*.

discutiu quatro autores ao longo das quatro sessões: Edgar Allan Poe, Fiódor Dostoiévski, Franz Kafka e José Saramago. Foram analisadas as manifestações do fantástico nas obras *O Gato Preto*, *A Dócil*, *A Metamorfose* e *Ensaio sobre a Cegueira*.

CICLO

MESTRADO EM ESTUDOS LUSO-ALEMÃES



Cristina Flores (ELACH), Esther Rinke e Petra Schulze (Goethe-Universität Frankfurt) protagonizaram a 12 e 26 de março as duas sessões iniciais do ciclo de aulas abertas promovido pelo MELA. O evento, com doze seminários previstos até junho, complementa uma das áreas de estudo deste mestrado, a aquisição do alemão/português em diferentes contextos sociais, e pretende ser um espaço de convívio e partilha entre alunos e ex-alunos do curso, professores e público interessado na temática.

OPINIÃO



UMA AMERICANA CONTRA A COROA BRITÂNICA: CHOQUE CULTURAL

Por: Joanne Paisana (DEINA)

As expectativas da audiência estavam ao rubro antes da transmissão, pela CBS, da entrevista da celeberrima Oprah a um dos casais mais mediáticos do momento: o Príncipe Harry e a sua esposa americana Meghan Markle, ansiosos por contar a sua versão da história. A conversa, de duas horas, foi banal, mas pontuada por algumas revelações importantes, mais tarde os pontos focais de comentários globais, alguns por parte de importantes protagonistas políticos, como o próprio Biden e Hillary Clinton: a alegada falta de apoio palaciano a Meghan em relação ao abuso racial dos tabloides e da imprensa social, levando a terríveis consequências na sua saúde mental; uma conversa entre Harry e um membro não identificado do círculo real sobre a provável cor da pele do filho ainda não nascido de Harry, Archie, e o possível impacto no público. Outras queixas diziam respeito à retirada da segurança paga ao casal e à recusa de fazer de Archie um príncipe (ambas por motivos ju-

rídicos, de acordo com fontes do Palácio de Buckingham).

Os “pensamentos suicidas” de Meghan trazem de volta memórias de Diana, a “Princesa do Povo”, e expõem as terríveis consequências de expectativas demasiado elevadas e da falta de empatia. Os comentários pós-entrevista nos *media* norte-americanos favorecem Meghan. Perante uma imagem irreal e caricaturada da monarquia nos tempos atuais, que parece percorrer o imaginário americano, o facto de um membro da família real ter expressado sentimentos racistas causou ondas de choque. Porquê? Conhecemos apenas a face externa da monarquia: os privilégios e os sorrisos constantes. No entanto, a família real nuclear presta contas aos contribuintes britânicos, tem uma agenda exigente de compromissos públicos e depende de cobertura positiva dos *media* para manter a popularidade e evitar qualquer questionamento sobre a sua utilidade. A posição precária e subserviente da monarquia imperfeita parece mal compreendida do outro lado do Atlân-

tico. No Reino Unido, as revelações também causaram agitação. O apoio popular ao casal forçou o conhecido apresentador de TV Piers Morgan a demitir-se do seu programa por ser muito anti-Meghan, mas isso foi atenuado pelo forte apoio à instituição, principalmente pela geração mais velha.

Embora limitada pela Magna Carta de 1215 (que impede o rei de estar acima da lei) e pela *Bill of Rights* de 1689, a monarquia britânica conseguiu sempre reerguer-se, superando algumas crises graves. Foi o caso da rutura de Henrique VIII com Roma, por se querer divorciar, levando a um Parlamento Reformado (1529-1536) que assumiu o controlo de toda a governação, embora sob a égide do monarca. Esta rutura alterou o relacionamento com a Europa, como fez o Brexit mais recentemente. Outra crise foi a execução de Carlos II em 1649, após perder a disputa com o parlamento sobre a prerrogativa real, levando a uma curta República – também ultrapassada.

A monarquia, pelo menos enquanto a atual rainha for viva, é um tesouro nacional, um símbolo vivo da nacionalidade. Não sabemos se Harry, como o Rei Eduardo VIII – que também casou com uma plebeia americana, por sinal igualmente divorciada, Wallis Simpson –, se virá a arrepender da sua escolha de deixar o círculo real. Também não sabemos se a família real britânica resistirá a esta nova crise. Alguém tem uma bola de cristal?